

A resenha não mais se limita ao jornal diário, às revistas semanais, tendo hoje uma presença relativa no rádio e na televisão, onde vem sendo desenvolvida nos programas voltados para a informação cultural.

Seu âmbito de ação contempla os produtos tradicionais, como a literatura e o livro, a música e as artes plásticas, o teatro e a dança, mas atribui ênfase aos novos produtos da indústria cultural que constituem fonte segura de receita publicitária: a televisão, o cinema, o disco, e até mesmo o esporte, a gastronomia e a publicidade.

A própria imprensa converteu-se em objeto da resenha jornalística. Como diz Alberto Dines:<sup>72</sup> «A crítica à imprensa exercida, pois, através da própria imprensa é a forma que o *quarto poder* encontrou para submeter-se ao julgamento público e assim enquadrar-se como os três outros no sistema de vigilância e equilíbrio dos regimes democráticos. Ao contrário do que ocorre com os demais gêneros da crítica, especialmente os mais populares, que são os artísticos (livros, artes e espetáculos), o da imprensa não pode fixar-se nas excelências técnicas. O jornalismo não é arte para ser julgado apenas pelos aspectos estéticos. Dada a função social da imprensa, os aspectos éticos e políticos são mais relevantes».<sup>73</sup>

## 6. COLUNA

A caracterização do colunismo na imprensa brasileira dá margem a ambigüidades. Há uma tendência geral para chamar de coluna toda *seção fixa*. Assim sendo, a coluna abrange, segundo essa noção, o comentário, a crônica e até mesmo a resenha.

Historicamente, a coluna originou-se dentro da antiga diagramação vertical, em que as matérias eram dispostas de cima para baixo, passando, se necessário, à coluna vizinha. Hoje, com a diagramação horizontal, a coluna já não mais ocupa o espaço disposto verticalmente e se alarga pelo espaço fronteiro. Por isso, é comum o uso da palavra *seção* para denominar a coluna.

O termo coluna é todavia o mais usado, mesmo que ocupe uma página (coluna do Ibrahim Sued ou do Tavares de Miranda) ou mais de uma coluna gráfica (coluna de cinema, de televisão).

Rabaça e Barbosa<sup>74</sup> registram essa natureza ambígua da coluna enquanto gênero jornalístico, afigurando-se como espaço de entrecruzamento de várias formas de expressão noticiosa. A coluna é a «seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade, geralmente assinada, e redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum. Compõe-se de notas, sueltos, crônicas, artigos ou textos-legendas, podendo adotar, lado a lado, várias dessas formas. As

colunas mantêm um título ou cabeçalho constante, e são diagramadas geralmente numa posição fixa e sempre na mesma página, o que facilita a sua localização imediata pelos leitores».

Trata-se portanto de um mosaico, estruturado por unidades curtíssimas de informação e de opinião, caracterizando-se pela agilidade e pela abrangência. Na verdade, a coluna cumpre hoje uma função que foi peculiar ao jornalismo impresso antes do aparecimento do rádio e da televisão: o furo. Procura trazer fatos, idéias e julgamentos em primeira mão, antecipando-se à sua apropriação pelas outras seções dos jornais, quando não funciona como fonte de informação.

A coluna tem como espaço privilegiado os bastidores da notícia, descobrindo fatos que estão por acontecer, pinçando opiniões que ainda não se expressaram, ou exercendo um trabalho sutil de orientação da opinião pública.

Explica Fraser Bond<sup>75</sup> que a coluna surgiu na imprensa norte-americana, em meados do século passado, quando os jornais deixavam de ser doutrinários e adquiriam feição informativa. O público começou a desejar matérias que escapassem do anonimato redatorial e tivessem personalidade. Isso deu lugar ao aparecimento de seções sob a responsabilidade de jornalistas conhecidos, superando a frieza e a impessoalidade do corpo do jornal, e originando espaços dotados de valor informativo e de vigor pessoal.

A coluna corresponde à emergência de um tipo de jornalismo pessoal, intimamente vinculado à personalidade do seu redator. Talvez possa ser identificado como uma sobrevivência, no jornalismo industrial, daquele padrão de jornalismo amador e eclético que caracterizou as primeiras publicações periódicas.

Originalmente a coluna é uma matéria cuja extensão não ultrapassa mil palavras, coincidindo com a medida da coluna do jornal standard. Depois começou a variar, reduzindo-se para 800 ou até para 500 palavras.

Tendo como berço o jornalismo norte-americano, a coluna aparece ali segundo quatro tipos: a) Coluna padrão — dedicada aos assuntos editoriais de menor importância, reservando a cada um pouco mais de um parágrafo, o que implica um tratamento superficial, apenas sugerindo tendências ou propondo padrões de julgamento; b) Coluna miscelânea — combinação de prosa e verso, foge ao padrão tipográfico convencional, misturando tipos; não se prende a nenhum assunto, incluindo uma grande variedade de temas e atribuindo uma certa dose de humor e sarcasmo aos assuntos tratados; c) Coluna de mexericos — centralizada em pessoas, principalmente as figuras da alta sociedade, as personalidades famosas, ou mesmo, no caso dos pequenos jornais, às